Turismo de observação de cetáceos no litoral sul do Rio Grande do Norte, Brasil

LUCÉLIA ALLINNY FERNANDES SILVA * [luceliaaline@hotmail.com]
TATIANA MORITZ ** [tatianamoritz@ua.pt]
MICHELE GALDINO CAMARA *** [michelecamara@uern.br]
ALBERTO SIGNORETTI **** [albertosignoretti@uern.br]

Resumo | Este trabalho teve como objetivo principal caracterizar a atividade de Turismo de Observação de Golfinhos no Estado do Rio Grande do Norte – Brasil. Especificamente, foram pesquisadas as localidades da praia da Pipa e da praia de Baía Formosa, através de aplicação de questionários durante visitas a cada cidade. Os sujeitos da pesquisa foram turistas que realizaram o passeio para observação e os condutores dos barcos. Os condutores caracterizaram-se em sua maioria por serem do sexo masculino, com baixa escolaridade, cuja principal fonte de renda é o passeio para observação. Como um dos resultados deste trabalho, observou-se que os condutores da praia da Pipa reconhecem a importância da conservação para manutenção da atividade. Em relação aos turistas, os da praia da Pipa demonstraram melhor percepção dos possíveis impactes que a atividade turística pode ter sobre a natureza, do que os turistas que visitaram Baia Formosa. Uma possível explicação para esse fato é o nível mais alto de escolaridade encontrado entre os turistas que visitaram a praia da Pipa em relação aos turistas que visitaram Baía Formosa. Contudo, conclui-se que é imprescindível entender como essa atividade se desenvolve, uma vez que o planejamento e controle de uma atividade desenvolvida em ambiente natural são indispensáveis para sua manutenção e sustentabilidade.

Palavras-chave | Ecoturismo, Impactes da atividade turística, Turismo de observação de golfinhos.

Abstract | This study aims to characterize the dolphin watching tourist activity in the State of Rio Grande do Norte, Brazil. Specifically, tourists who did the tours and the boat skippers of the beaches of Pipa and Baía Formosa were surveyed through a questionnaire. The group of skippers is mostly composed by men with low levels of formal education, whose principal source of income is the cetaceans' observation activity. This research shows that, when compared with the skippers from Baía Formosa, the group of skippers from Pipa recognize further importance on nature conservation as a way of maintaining the dolphin watching activity. The tourist group of Pipa demonstrated a better understanding of the potential impacts that this activity has on the nature, when compared with the tourists that visited Baía Formosa. One possible explanation for this fact is the highest level of formal education found amongst tourists who visited Pipa. However, it is concluded that it is essential to understand how this activity is carried out, since the planning and control of an activity developed in the natural environment is essential for their maintenance and sustainability.

Keywords | Ecotourism, Impacts of tourism, Dolphin-watching tourism.

*** Graduada em Turismo** pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Brasil.
**** Doutoranda em Ciências e Engenharia do Ambiente** na Universidade de Aveiro. **Professora Adjunta 1** do Departamento de Turismo do Campus de Natal (CAN) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Brasil, e Bolsista da CAPES/CSF – Proc. nº BEX 1474/13-8.
***** Mestre em Engenharia de Produção** pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Brasil. **Professora Assistente 4** do Departamento de Turismo do Campus de Natal (CAN) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Brasil.
****** Doutor em Engenharia Elétrica e de Computação** pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). **Professor Adjunto 4** do Departamento de Informática do Campus de Natal (CAN) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Brasil.

1. Introdução

Nas últimas décadas, o turismo vem mantendo intensa relação com a natureza, consequência da busca pelo verde e da fuga dos grandes centros urbanos, por pessoas que procuram contato com os ambientes naturais e realidades diferentes de suas rotinas (Ruschmann, 1997).

As novas concepções do turismo referem-no como um fenômeno humano, que por sua vez possui impactes negativos e positivos no que diz respeito às suas relações com a natureza. Tal relação, quando bem administrada, faz com que os impactes positivos sejam superiores aos negativos, fator utilizados (Dias, 2008).

O foco de estudo neste trabalho é o Turismo de Observação de Cetáceos (TOC), considerado por Hoyt (2001) como todo e qualquer passeio de barco, ar ou terra, para observar qualquer espécie de cetáceo em seu habitat, surgindo como uma ferramenta de conservação desses animais. Foi avaliado o TOC quanto ao seu desenvolvimento no litoral Sul do estado do Rio Grande do Norte, caracterizando as operações dessa atividade no município de Baía Formosa e na Praia da Pipa (município de Tibau do Sul).

O impacto do TOC sobre os golfinhos já foi evidenciado na Praia da Pipa, cuja presença das embarcações de turismo ocasionou alterações de comportamento (Santos-Jr. et al, 2006). Pouco se sabe sobre características das operações do TOC nestas localidades, assim como do perfil de seus usuários e operadores. De forma semelhante, é escasso o conhecimento sobre as percepções dos atores envolvidos nesta atividade quanto aos impactes da mesma nas localidades onde ocorrem. Para tanto os principais objetivos deste trabalho são: (i) caracterizar as operações de turismo de observação de golfinhos na Praia de Baía Formosa e na Praia da Pipa; (ii) identificar o perfil sócio econômico e cultural dos operadores de turismo e turistas que realizaram observação de cetáceos nas praias da Pipa e Baia Formosa; e (iii) comparar o desenvolvimento das atividades de Turismo de Observação de Cetáceos, nesse caso golfinhos, nas praias da Pipa e Baia Formosa, a fim de compreender como este segmento vem sendo praticado no Estado.

O presente estudo é resultado de uma pesquisa vinculada ao Projeto de Iniciação de Cientifica da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), o qual permitirá ampliar o conhecimento científico sobre o TOC, assim como fornecerá subsídios para a criação de ações para a melhoria dos serviços e para mitigar os impactes desta atividade sobre os animais em habitat natural.

2. Metodologia

Adotou-se como procedimento metodológico a pesquisa descritiva, pois visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis (Gil, 2012). Quanto à abordagem do problema tratado caracterizou-se em quali-quantitativo, uma vez que a obtenção de dados aplicados a determinado fato foi traduzido em números para classificação e análise, ao mesmo tempo em que se baseia na interpretação e atribuição dos significados aos fenômenos observados (Marconi & Lakatos, 2007). No que se refere aos objetivos, a pesquisa caracteriza-se como sendo exploratória por meio de levantamento bibliográfico utilizando-se fontes primárias e secundárias, propiciando uma visão geral e aproximada acerca de determinado fato.

O estudo foi realizado em duas localidades: a praia da Pipa (4º 50' S; 37º 15' W) (Idema, 2008b) e a praia de Baía Formosa (6º 22' S; 35º 00' W) (Idema, 2008a). Ambas localizadas no litoral do Sul do estado do Rio Grande do Norte, Brasil.

Para atingir os objetivos propostos foram realizadas visitas aos pontos de observação de botos em terra e acompanhamento dos passeios de barco, ao longo de três dias consecutivos, no período entre os meses de maio e julho de 2013. Nestas visitas foram anotadas todas as atividades realizadas pelos turis-

tas para observar os botos, tipos de embarcações, capacidade, custos dos passeios, duração e roteiros utilizados. Foram aplicados questionários com questões abertas e fechadas, utilizando-se de dois tipos de questionários que diferiram de acordo com o público-alvo. Utilizou-se, ainda, a escala psicométrica Likert, com cinco variáveis de concordância ou discordância (discordo total, discordo parcial, nem concordo e nem discordo, concordo total e concordo parcial) para avaliação dos turistas quanto aos impactes da atividade turística; e ainda cinco variáveis (ótima, boa, regular, ruim e péssima) para avaliação da atividade turística.

O grupo de sujeitos da pesquisa foi constituído pelos condutores que operam com barcos de passeios turísticos para observação dos golfinhos e pelos turistas que realizaram esta atividade nas localidades. As amostras foram determinadas por critério arbitrário, sendo entrevistados (N) todos os condutores que operam barcos de turismo para observação de golfinhos, sendo sete condutores na praia de Baía Formosa e 14 na praia da Pipa; na praia da Pipa foram entrevistados 50 turistas e na praia de Baía Formosa um número de 18, em ambas as praias o local de abordagem foi o ponto de desembarque após a realização do passeio. Destacando-se aqui como limitação do trabalho o baixo fluxo de turistas na cidade de Baía Formosa, por esse motivo o número de entrevistados em cada praia é diferente.

3. Turismo de Observação de Cetáceos (TOC)

Acompanhando os discursos ambientalistas que surgiam nas últimas décadas e a partir da percepção que além de divisas o turismo também gerava impacto negativo, surgiu o segmento que alia a visitação ao uso sustentável em áreas naturais. Assim, o ecoturismo desenvolveu-se estimulando uma compreensão dos impactes nos ambientes natural, cultural e humano (Swarbrooke, 2000).

O ecoturismo é definido pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA) e o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) como um segmento da atividade turística que utiliza de forma sustentável o patrimônio natural e cultural, aliando o incentivo à conservação do meio em que se desenvolve e à busca da formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem estar e a participação das populações envolvidas (IBAMA/MMA, 1994).

O conceito de ecoturismo implica em valorização do patrimônio natural e cultural e no compromisso de bem-estar das populações locais, ou seja, é entendido como modalidade de Turismo Sustentável e não apenas como um segmento da atividade turística centrada unicamente no bem natural. Mendonça (2005) refere-se a este, como ferramenta da promoção de educação ambiental. Caracteriza-se como uma atividade econômica especial, geograficamente localizada e participativa da própria organização do espaço, tendo uma singular preferência na escolha pelos usuários, sendo sua oferta constituída e baseada em atrativos naturais e culturais (Pedrini, 2005).

Uma das práticas turísticas coerente à proposta do ecoturismo é o turismo de observação da vida selvagem, o qual pressupõe a observação dos animais em seu ambiente natural de forma sustentável e a geração de benefícios econômicos. Desta maneira, os animais tornaram-se um valioso recurso natural e atrativo turístico, podendo contribuir para sua própria conservação, melhoraria das condições de vida nas comunidades receptoras e preservação dos recursos e do meio ambiente.

No contexto descrito acima, encontra-se o *whale wacthing* (observação de baleias) que, de um modo geral, não se restringe unicamente à observação de baleias, mas a todas as espécies pertencentes à ordem dos cetáceos (Brummati, 2008). O TOC é considerado por Hoyt (2001) como todo e qualquer passeio por mar, ar ou terra, para observar qualquer espécie de cetáceo em seu habitat. Trata-se de uma importante ferramenta de informação e criação de conhecimento para pesquisadores, podendo, assim,

ser considerado um instrumento para a conservação marinha (Hoyt, 2001; Brummati, 2008).

O TOC surge como uma ferramenta de conservação, em resposta à diminuição das populações de baleias em todo o mundo, motivado pela caça descontrolada desta espécie (Simões, Macedo, & Engel, 2005). Além de gerar benefícios econômicos às populações locais, propicia pesquisa científica quando a atividade é associada à recolha de dados, permite o desenvolvimento de campanhas educacionais e conservacionistas do ambiente marinho.

O cenário desta atividade turística é de constante crescimento tanto no Brasil como no mundo. Estimativas publicadas por Hoyt (2001) demonstram que o TOC atrai cerca de nove milhões de turistas por ano, envolve 87 países e territórios, gera, aproximadamente, um bilhão de dólares, e pode ser realizada em terra, mar ou ar, a depender de cada país. A forma mais comum de observação ocorre em barcos, desde caiaques a embarcações de maior porte. Vários países promovem atividades de observação de baleias, tais como África do Sul, Canadá, Austrália e Estados Unidos (Hoyt, 2001).

O Brasil possui grande potencial para desenvolvimento do turismo de observação de cetáceos, pela ocorrência de diversas espécies em locais de fácil acesso para avistagem (Tischer, 2011), seja para observação em terra ou embarcado. No entanto, seu desenvolvimento tem sido menor do que o encontrado em países com potencial similar (Hoyt, 2001).

4. Caracterização das operações de Turismo de Observação de Cetáceos em Pipa e Baía formosa, Rio Grande do Norte, Brasil

O litoral do estado do Rio Grande do Norte destaca-se potencialmente para o desenvolvimento do TOC pela presença de golfinhos ao longo da costa, em particular, a espécie boto-cinza (*Sotalia Guianesis*) (Brumatti, 2008). Esta atividade é realizada na maioria dos casos em embarcações, ocorrendo principalmente na Praia da Pipa e na Praia de Baía Formosa.

Na Praia da Pipa, o passeio de barco para observação dos golfinhos se tornou um atrativo consolidado sendo hoje um dos passeios mais conhecidos e procurados na região. As embarcações usadas para o passeio pertencem tanto a pessoas nativas de Pipa, como também a estrangeiros que lá estabeleceram residência fixa. Os passeios para observação dos golfinhos ocorrem no interior da Reserva Faunística de Tibau do Sul (REFAUTS), unidade de conservação municipal que possui a regulamentação sobre o transporte marítimo de visitação turística para preservação e proteção da fauna marinha e de seu habitat.

Para atender à demanda crescente de turistas, são oferecidos passeios de barco e de lancha. São ao todo nove embarcações, sendo três barcos escunas[1] de tamanho entre doze e dezoito metros, com capacidade de até trinta passageiros, e seis lanchas com tamanhos que variam entre 24 e 25 pés, equivalente a sete e oito metros, com capacidade para até doze passageiros.

Visando a captação de turistas, os operadores possuem parcerias com agências, operadoras de turismo, hotéis e pousadas da região, fazem panfletagem pela cidade, além de abordagem direta aos turistas na orla da praia. O valor cobrado por pessoa é de R$35,00[2], valor fixo independente de tamanho ou tipo de embarcação. A duração do passeio é de 1h e 30 minutos.

No que se refere às operações de embarcações de turismo na praia de Baía Formosa são utilizados dois barcos do tipo escuna, sendo uma de doze e a outra de oito metros de comprimento. O passeio dura em média 1h20m e não tem preço fixo, variando entre R$ 25,00 e R$ 30,00[3], de acordo com a

[1] Um tipo de veleiro caracterizado por suas velas, embarcação de dois mastros, velas latinas e verga frontal. (PRIBERAM, 2014).
[2] Valor equivalente em euro é 10,91 €, conforme cotação do Banco Central Brasileiro do dia 24/03/2014, na qual 1 REAL BRASIL/BR = 0,3120125 EURO/EUR.
[3] Valores equivalentes em euro 7,80€ e 9,36€, conforme cotação do Banco Central Brasileiro do dia 24/03/2014, na qual 1 REAL BRASIL/BRL = 0,3120125 EURO/EUR.

época do ano, podendo diferir de um barco para o outro. Quanto ao processo para divulgação e captação de turistas, os operadores não possuem nenhuma parceria. Os turistas adquirem o passeio através de abordagem direta em determinados pontos da cidade, principalmente na orla da praia.

Em Baía Formosa não existem normas locais para a prática de observação dos botos, assim como não foram registradas fiscalizações para o cumprimento das normas federais existentes.

5. Perfil socioeconômico dos operadores do Turismo de Observação de Cetáceos no Litoral Sul do Rio Grande do Norte, Brasil.

Segundo a OMT (2002), o ecoturismo já é responsável por cerca de 7% das chegadas turísticas mundiais (Salvati, 2005). A perspectiva é que continue em crescimento, movimentando demandas turísticas por toda parte do mundo, assim como gerando divisas e incentivando na preservação e conservação dos recursos naturais e culturais envolvidos. O ecoturismo, em suas diferentes vertentes, em geral envolve os moradores da região nas operações, sendo este um aspecto considerado desejável para o desenvolvimento sustentável das localidades onde ocorrem (Dias, 2008). No presente estudo verificou-se que tanto em Pipa como em Baía Formosa, o TOC envolve moradores dessas localidades, embora na praia da Pipa exista profissionais e proprietários de outras localidades e inclusive estrangeiros.

5.1. Praia da Pipa

No que se refere ao perfil socioeconômico dos operadores de embarcações que operam com TOC, verificou-se que 93% são homens e apenas 7% dos indivíduos são do sexo feminino. Este fato pode ser explicado pela grande exposição a esforços que a atividade possui, para além de tradicionalmente as operações marítimas serem realizadas por homens.

Quanto à faixa etária, 36% dos entrevistados possuem idade compreendida entre 31 e 40 anos, enquanto 36% de pessoas se situam entre os 41 e os 50 anos. Pessoas com idade acima de 50 anos representam 21% da amostra. Apenas 7% possuem idade até aos 20 anos. Na generalidade, os operadores de barco na praia da Pipa possuem idade superior a 40 anos de idade (Figura 1).

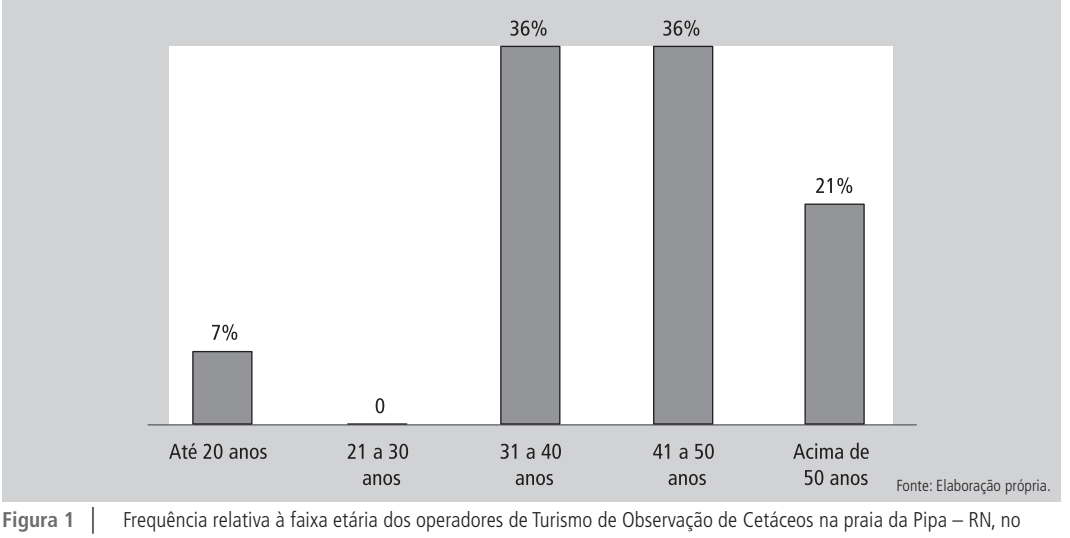

Figura 1 | Frequência relativa à faixa etária dos operadores de Turismo de Observação de Cetáceos na praia da Pipa – RN, no período entre maio e julho de 2013.

Referente à escolaridade dos operadores das embarcações, identificou-se 57% dos entrevistados com ensino fundamental incompleto, 7% com ensino médio incompleto, 22% tem o ensino médio completo e 14% superior completo[4] (conforme Figura 2). As opções de ensino fundamental completo e superior incompleto não foram indicadas. Neste sentido, ao se levar em consideração que é comum nessas embarcações os operadores dos barcos também atuarem como guias durante o passeio, a baixa escolaridade pode ser considerada um ponto negativo para que a educação ambiental aconteça. Uma vez que no ecoturismo ela precisa ser praticada por questão de conceito legal e poderá minimizar ao máximo o impacto que ele possa causar (Pedrini, 2007).

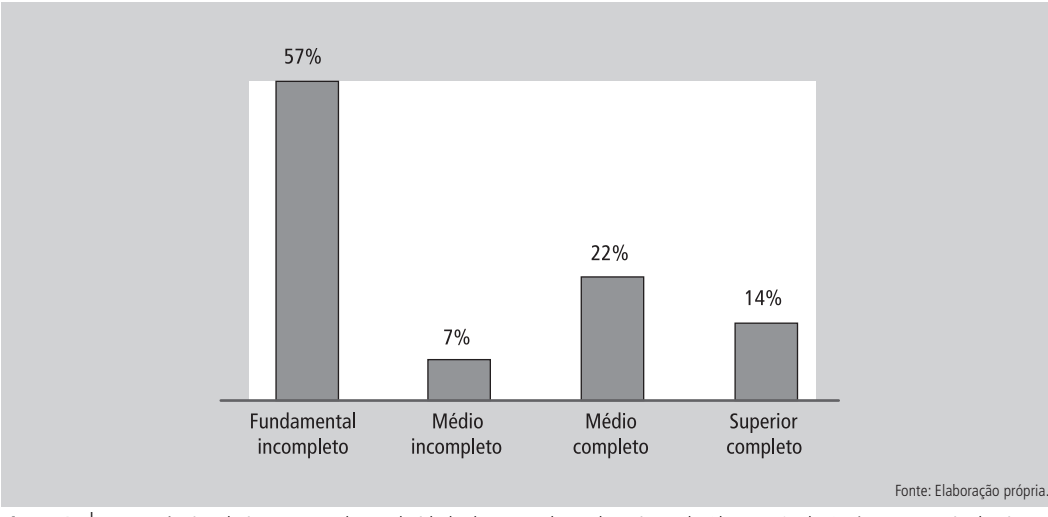

Figura 2 | Frequência relativa ao grau de escolaridade dos operadores de Turismo de Observação de Cetáceos na praia da Pipa – RN, no período entre maio e julho de 2013.

Em relação à renda familiar, 36% dos entrevistados informou ter renda de até um salário mínimo mensal, 29% recebe entre um e dois salários mínimo, 21% entre dois e três, e 14% recebe mais de três salários mínimo. Ao serem arguidos sobre qual era a principal fonte de renda, 93% dos entrevistados informou o passeio para observação de boto como a sua fonte principal de renda e 7% indicou ainda o comércio. Mesmo existindo a sazonalidade das demandas turísticas, os envolvidos no TOC na praia da Pipa, utilizam-se desta como principal fonte de renda e manutenção econômica.

Quanto ao que entendem por TOC, 79% afirmou ter o conhecimento do conceito, enquanto 21% informou não entender a expressão. Quando solicitados a descreverem do que se tratava o TOC, os conceitos descritos por cada um restringiram-se à observação do golfinho em seu habitat, provavelmente influenciados pela nomenclatura do termo em si.

Questionou-se aos operadores qual a motivação para se trabalhar com o TOC. Os resultados demonstraram que 50% dos operadores tem no prazer a principal motivação, 22% o interesse pelo turismo, 14% pelos benefícios financeiros e também 14% o interesse pelo meio ambiente (Figura 3).

[4] A fim de traçar o perfil escolar dos entrevistados, neste trabalho foi utilizada a organização do Sistema Educacional Brasileiro, a qual se apresenta da seguinte forma: Ensino infantil (até os 5 anos); Ensino fundamental (dos 6 aos 14 anos, subdividido em I (1º ao 5º ano) e II (do 6º ao 9º ano)); Ensino médio (1º ao 3º ano); Ensino superior (graduação); Pós-graduação (mestrado e doutorado).

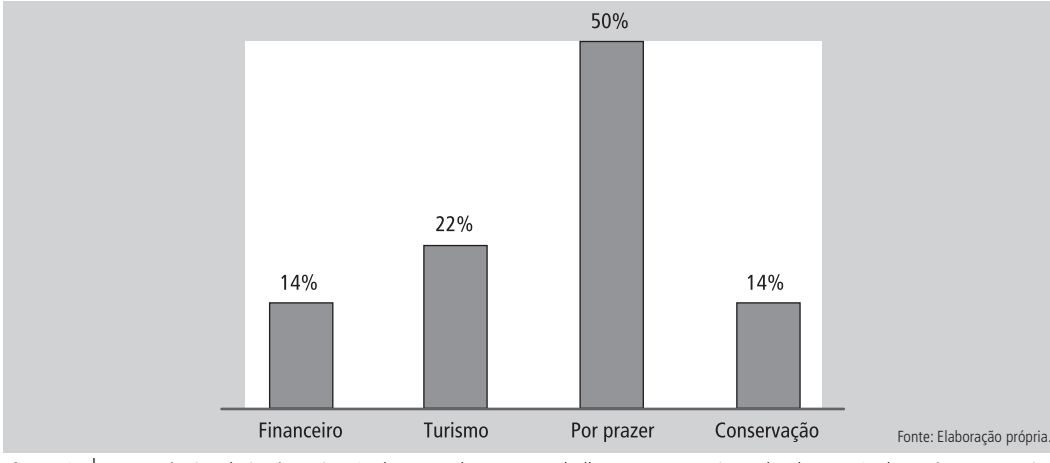

Figura 3 | Frequência relativa à motivação dos operadores para trabalharem com o Turismo de Observação de Cetáceos na praia da Pipa – RN, no período entre maio e julho de 2013.

Para os operadores, em relação ao que mais importava durante o passeio, 50% considerou o bem estar dos botos, 29% a satisfação do turista e 21% a contribuição para a educação ambiental. Esse dado parece demonstrar que os operadores percebem que os botos são o atrativo principal, e que o bem estar deles é importante para o desenvolvimento e manutenção da atividade. Sendo a biodiversidade constituída fundamentalmente como recurso contemplativo, educativo, recreativo e científico (Pires, 2005), em muitos casos o turismo coloca em risco a qualidade do ambiente, influenciando de forma direta no tempo de vida do destino e na sustentabilidade do turismo no local onde ocorre.

5.2. Praia de Baía Formosa

No que se refere ao perfil sócio econômico dos operadores na praia de Baía Formosa verificou-se que o sexo masculino corresponde a 86% dos indivíduos e apenas 14% são do sexo feminino. A faixa etária que apresentou maior número de indicações foi de pessoas com idade de até 20 anos representado por 43% dos entrevistados, enquanto que 29% possuía idade entre 40 e 50 anos, caracterizando os jovens como principais inseridos no TOC em Baía Formosa (Figura 4).

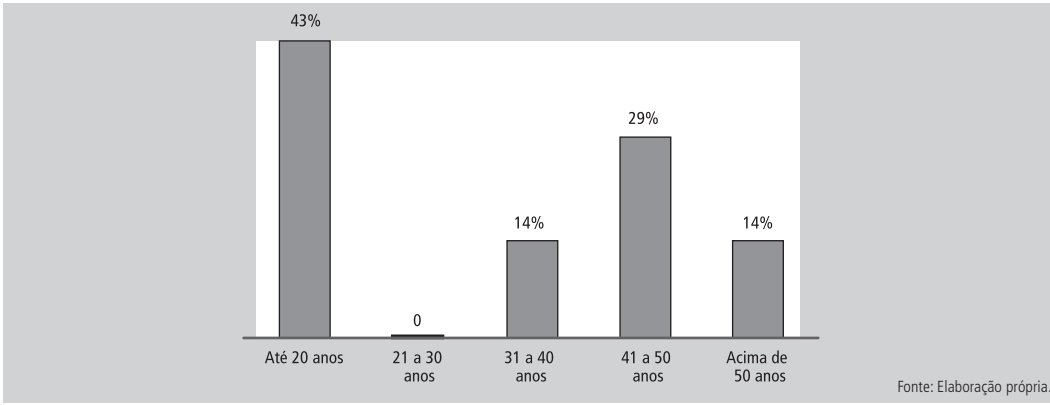

Figura 4 | Frequência relativa à faixa etária dos operadores de Turismo de Observação de Cetáceos na praia da Baía Formosa – RN, no período entre maio e julho de 2013.

O reflexo deste fato é observado no grau de escolaridade dos operadores, pois 57% possuem ensino fundamental incompleto, 29% médio incompleto e 14% médio completo (conforme Figura 5). Isso demonstra que além de não possuírem formação específica para o desenvolvimento da atividade, os jovens também optam por interromper a formação escolar e já trabalharem desde cedo.

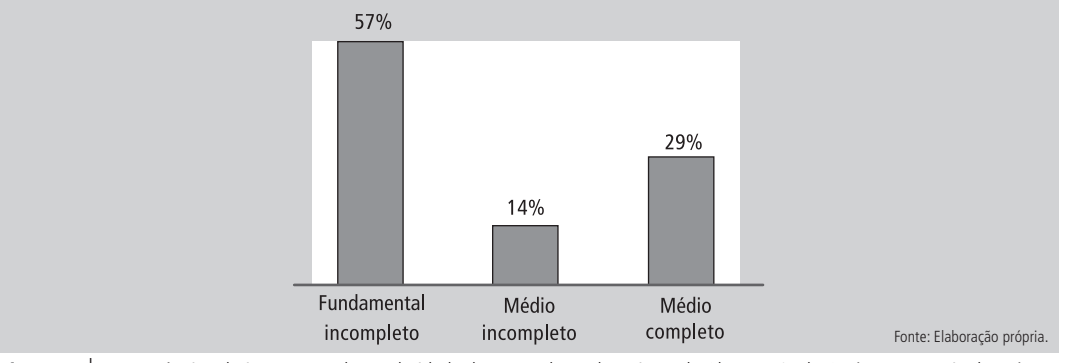

Figura 5 | Frequência relativa ao grau de escolaridade dos operadores de Turismo de Observação de Cetáceos na praia de Baía Formosa – RN, no período entre maio e julho de 2013.

A demanda turística na cidade de Baía Formosa ainda é pequena, assim como a procura pelo passeio de barco. Foi possível demonstrar que 71% dos inquiridos tem o passeio para observação de botos como sua principal fonte de renda, sendo os demais 29% distribuídos em outros tipos de turismo presentes no município, como exemplo o passeio de '*buggy*' na Lagoa Araraquara.

Verificou-se ainda que 57% dos entrevistados informou ter renda de até um salário mínimo, 15% com renda entre um e dois salários, 14% possui entre dois e três salários e também 14% indicou possuir renda equivalente a mais de três salários. Meireles-Filho (2005) argumenta que o ecoturismo é uma oportunidade de negócio para micro e pequenos empresários, não garantindo riquezas fáceis nem imediatas, porém pode garantir a sobrevivência das famílias dos envolvidos na atividade. Um dado interessante, relacionado ao que foi retratado anteriormente, é a principal motivação para trabalhar com a atividade de observação. 43% dos entrevistados se interessam principalmente pelos benefícios financeiros, enquanto para 29% o principal interesse surgiu pelo prazer advindo da atividade e 28% apontou o interesse pelo turismo como motivação (Figura 6).

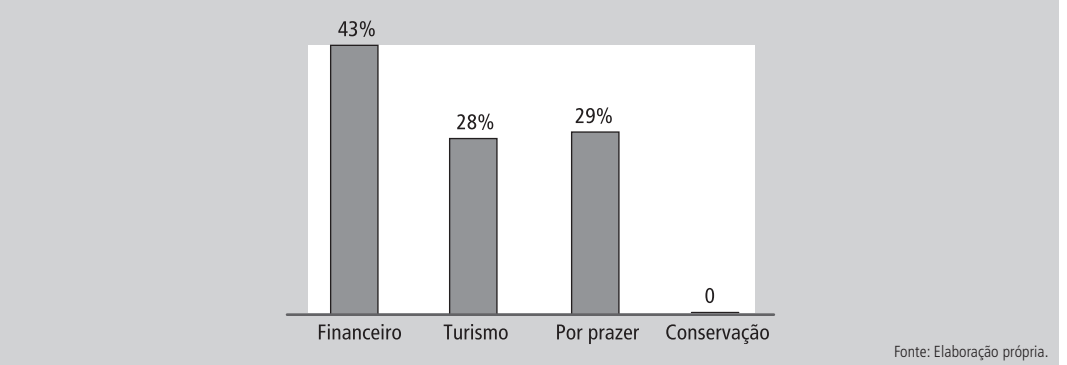

Figura 6 | Frequência relativa à motivação dos operadores para o trabalho com o Turismo de Observação de Cetáceos na praia da Baía Formosa, no período entre maio e julho de 2013.

Em relação ao entendimento sobre o que vem a ser Turismo de Observação de Cetáceos, 86% dos entrevistados responderam sim para este questionamento, enquanto 14% respondeu que não entende ou não conhece o termo.

Diferente do que responderam os operadores da praia da Pipa, os operadores de Baía Formosa consideram mais importante durante o passeio a satisfação do turista, demonstrado por 57% dos entrevistados, acrescentando ainda que se o turista estiver satisfeito ele poderá voltar para fazer um novo passeio, ou ainda indicará a outros. Para os operadores em Baía Formosa, em relação ao que mais importava durante o passeio, 29% informou que era o bem estar dos botos e 14% respondeu que era a contribuição para a educação ambiental.

6. Perfil do turista que realiza o Turismo de Observação de Cetáceos no Litoral Sul do RN, Brasil.

Considera-se que o turista que pratica ecoturismo, apresenta características peculiares, por defender ou possuir valores baseados na preferência pelo real e natural; um estilo de vida e atitudes diferenciadas (Vieira, 2004). Portanto, o perfil socioeconômico e cultural descrito a seguir se remete a esses 'novos turistas'.

6.1. Praia de Pipa

A caracterização dos turistas entrevistados após a observação na praia da Pipa revela que 54% indivíduos são do gênero masculino e 46% do feminino. Em relação à faixa etária 48% assumiram ter entre 21 e 30 anos, 31% possuía idade entre 31 e 40 anos, 11% entre 41 e 50 anos, 5% acima de 50 anos e 5% com idade até 20 anos. Na figura 7, é possível verificar que a maioria dos turistas entrevistados possui um alto nível de escolaridade.

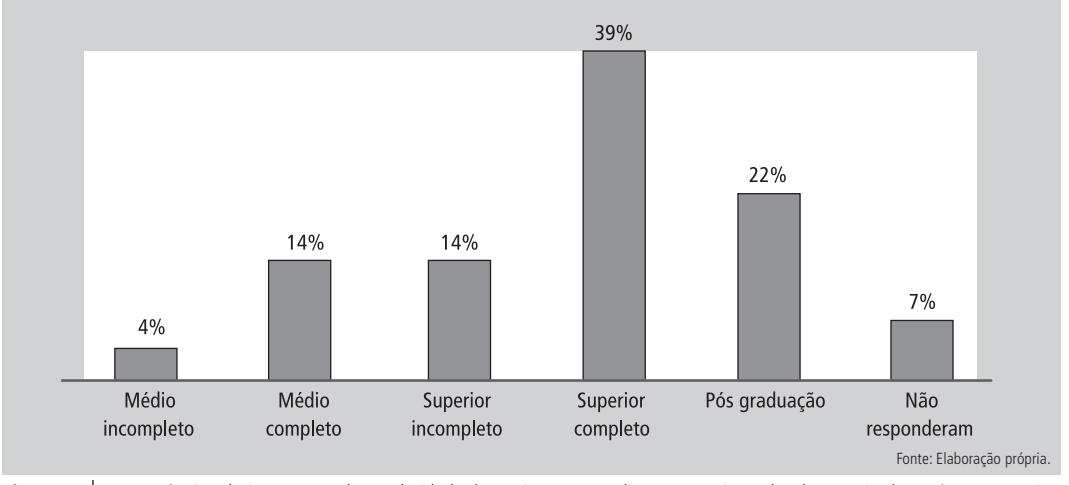

Figura 7 | Frequência relativa ao grau de escolaridade dos turistas que realizaram o Turismo de Observação de Cetáceos na praia da Pipa – RN, no período de maio a julho de 2013.

Já no tocante a renda familiar, 50% dos entrevistados tem renda de mais de quatro salários mínimos; 20% não respondeu, o que demonstra uma significativa rejeição em informar a sua renda; 14% possuía entre três e quatro salários; 7% tinha renda entre um e dois salários mínimo; 7% possuía renda entre dois e três salários mínimo e 2% representou renda familiar de até um salário mínimo (Figura 8).

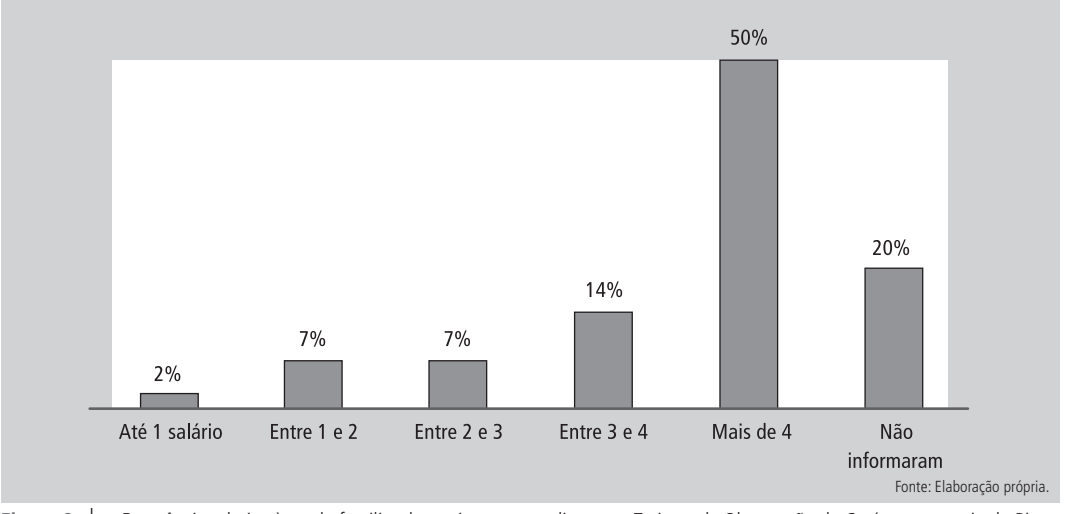

Figura 8 | Frequência relativa à renda familiar dos turistas que realizaram o Turismo de Observação de Cetáceos na praia da Pipa – RN, no período de maio a julho de 2013.

Foi possível verificar que o público da praia da Pipa, tem em sua maioria uma renda familiar equivalente a mais de três salários mínimos, ocasionado pelo alto grau de escolaridade. É possível inferir que uma parte desse público, tende a ser mais exigente por apresentar um poder aquisitivo maior, em particular, ser mais cuidadoso com o ambiente do lugar que visita, principalmente quanto à conservação.

Foi observado que 86% dos turistas estavam a realizar o passeio pela primeira vez, enquanto 14% já o haviam feito em outra ocasião. A maior proporção dos turistas entrevistados (72%) realizou o passeio por indicação de outras pessoas, enquanto 23% teve conhecimento da atividade em Pipa por meio da mídia. Este resultado indica que o marketing direto é a principal forma de divulgação do TOC na localidade.

Dos entrevistados, 71% tinham como principal destino da viagem a praia da Pipa e 27% estavam em viagem pelo litoral do Rio Grande do Norte e estados vizinhos (Paraíba-PB, Ceará-CE e Pernambuco-PE). Sobre a motivação da viagem, a opção que demonstrou mais expressividade foi o lazer, com 93%, seguido pela pesquisa (2%) e trabalho (2%). Os resultados parecem demonstrar que mesmo os turistas que viajaram por motivações diferentes de lazer, sentem-se estimulados a realizar o TOC em Pipa. Os turistas foram questionados se tinham conhecimento do que é o TOC e 55% respondeu que não possuíam nenhuma informação do que se trata, enquanto 23% responderam sim e 2% não informaram.

6.2. Praia de Baía Formosa

Em Baía Formosa os entrevistados foram caracterizados como 72% do sexo feminino e 28% masculino. Desses, 31% possuía idade entre 41 e 50 anos, 25% tinha idade de até 20 anos, 19% entre 21 e 30 anos, 13% tinha idade acima de 50 anos, e 12% entre 31 e 40 anos de idade, apresentando tal como verificado para a praia da Pipa, um público de idades diversas. A totalidade dos entrevistados respondeu que o motivo da viagem era o lazer.

Com relação ao grau de escolaridade, 11% apresentou ensino fundamental incompleto, 6% fundamental completo, 22% o médio incompleto, 33% o ensino médio completo, 17% tinha ensino superior completo e 11% pós-graduação. A opção de ensino superior incompleto não teve indicação (Figura 9).

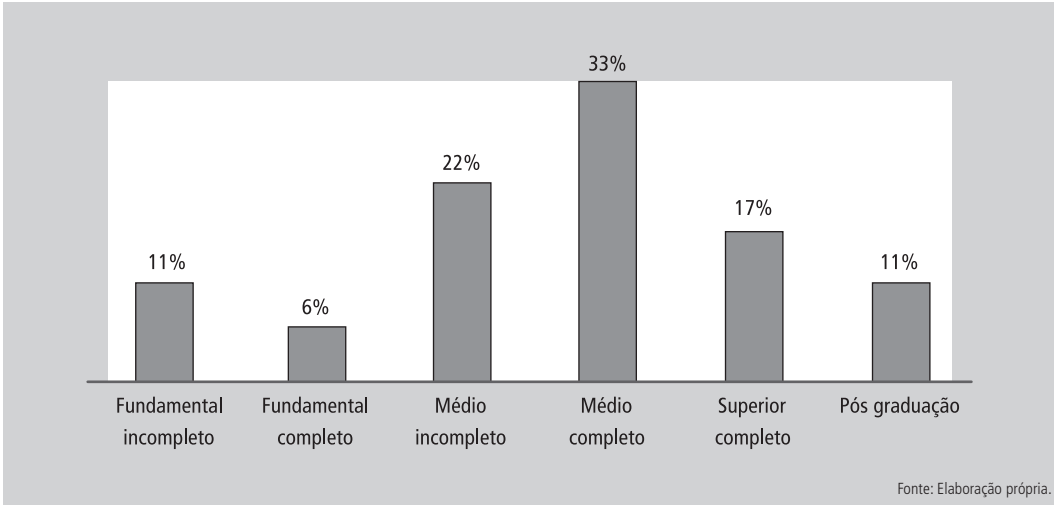

Figura 9 | Frequência relativa ao grau de escolaridade dos turistas que realizaram o Turismo de Observação de Cetáceos na praia de Baía Formosa – RN, no período de maio a julho de 2013.

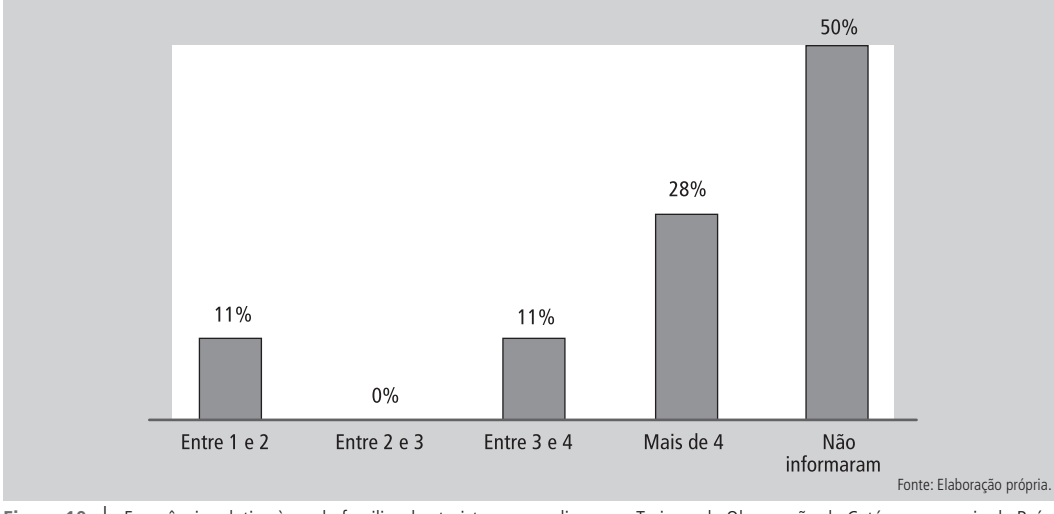

Figura 10 | Frequência relativa à renda familiar dos turistas que realizaram o Turismo de Observação de Cetáceos na praia de Baía Formosa – RN, no período de maio a julho de 2013.

A renda familiar de 50% dos entrevistados não foi informada. 28% responderam ter renda em mais de quatro salários mínimos, 11% entre dois e três salários e 11% familiar entre três e quatro salários (Figura 10).

Dos entrevistados, 72% souberam da atividade por meio de indicação de outras pessoas, 17% pela mídia de forma geral e 11% não informou ou não quis responder. Baía Formosa foi referida como principal destino da viagem por 61% dos entrevistados, 31% respondeu que o principal destino era a cidade do Natal ou outras cidades próximas a esta.

Quando questionados sobre o conhecimento do que seria o TOC, 61% respondeu que percebia o conceito dessa atividade, enquanto 33% responde-

ram não saber e 6% não informou. Esse resultado demonstra a diferença quanto a percepção sobre o TOC que os turistas disseram ter, já que na praia da Pipa a maioria representada por 55% dos turistas que responderam não saber do que se trata o conceito.

7. Comparação do desenvolvimento das atividades de turismo de observação de cetáceos nas praias de Pipa e Baia Formosa, RN, Brasil.

A Praia da Pipa e a Praia de Baía Formosa, ambas localizadas no litoral sul do estado do Rio Grande do Norte, possuem características semelhantes, principalmente em aspectos relacionados a belezas naturais, como as enseadas rodeadas por falésias (Queiroz, 2006).

A comparação do desenvolvimento das atividades do TOC na praia da Pipa e em Baía Formosa passa primeiramente pela compreensão da realidade de cada uma das localidades. A praia da Pipa é um dos principais destinos do Rio Grande do Norte, recebendo milhares de turistas durante todo o ano. O desenvolvimento do turismo em Baía Formosa ocorre de forma mais lenta apesar do potencial existente em face aos atrativos naturais e culturais existentes, entre os quais o passeio para observação dos botos acontece há menos tempo que na praia da Pipa.

O passeio de barco na praia da Pipa é possivelmente um dos mais famosos e conhecidos. Esse fato se deve principalmente a parcerias de divulgação e captação de turistas junto a operadoras de turismo, agências, hotéis e pousadas tanto da praia quanto da região. Devido à grande demanda de turistas, há a inserção de mais embarcações na atividade, saindo diariamente em torno de 10 passeios.

Em Baía Formosa os operadores de barco não possuem parcerias, e optam em captar seus clientes/turistas por meio da abordagem direta. Na maioria dos casos, os abordados sequer sabem da existência do passeio na localidade. São utilizadas apenas duas embarcações que saem em média de um ou dois passeios por dia cada uma, muitas vezes não há saída de passeios em dias da semana. Mesmo assim, os operadores comentam que há um aumento na de procura aos passeios em relação ao ano passado, porém eles não relacionam esse crescimento à divulgação da cidade em outras regiões do Nordeste ou do Brasil.

É possível perceber que há diferenças entre o perfil dos turistas que realizaram o passeio nos locais estudados. Podendo-se comparar principalmente quanto a renda familiar e ao grau de escolaridade dos turistas da praia da Pipa que foram mais altos do que os turistas de Baía Formosa. Outro ponto é o local de origem dos turistas entrevistados, sendo que na praia da Pipa, 49% eram da região Sudeste do Brasil, 38% da região Nordeste e 13% do centro oeste. Paralelamente, 83% do público da praia de Baía Formosa originavam-se da região Nordeste, e 17% da região Sudeste.

Na praia da Pipa, os itens segurança na embarcação, poluição na água, informações trabalhadas pelo guia e qualidade no atendimento obtiveram significativa avaliações entre ótimo e bom, revelados como pontos fortes da atividade. Os itens explicação sobre o local, explicação sobre os botos e serviços oferecidos, foram os que mais apresentaram oscilações em suas variáveis recebendo pontuações em regular, ruim ou péssimo (conforme Quadro 1). Esta condição pode ser reflexo da deficiência de capacitação adequada para a prática de interpretação e educação ambiental pelos guias que atuam na área. Entretanto, os turistas que realizaram o passeio para observação se mostraram satisfeitos com o passeio apesar de suas avaliações apontarem pontos negativos.

Quadro 1 | Variáveis avaliadas pelos turistas na praia da Pipa.

Variantes	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo	Não opinou
Segurança na embarcação	18	29	6	1	1	1
Poluição na água	26	17	11	1	0	1
Informações passadas	18	30	5	1	0	2
Qualidade no atendimento	19	30	5	1	0	1
Explicação sobre o local	15	26	10	1	1	3
Explicação sobre os golfinhos	11	21	13	3	6	2
Serviços oferecidos	8	27	12	5	2	2

Fonte: Elaboração própria.

Para Baía Formosa, a avaliação dos itens segurança na embarcação, não poluição na água, informações passadas pelo guia e qualidade no atendimento foram obtidas, na maioria, resultados avaliados como ótimo e bom, sendo qualidade no atendimento o ponto mais forte por obteve maior índice de avaliações como ótimo (Quadro 2). Constata-se que, apesar de ser uma atividade recente e de baixa procura pelos turistas, é satisfatória de acordo com os dados demonstrados.

Quadro 2 | Variáveis avaliadas pelos turistas na praia de Baía Formosa.

Variantes	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
Segurança na embarcação	14	4	0	0	0
Não poluição na água	13	4	1	0	0
Informações passadas	14	0	3	1	0
Qualidade no atendimento	15	2	1	0	0
Explicação sobre o local	12	3	3	0	0
Explicação sobre os golfinhos	11	1	5	1	0
Serviços oferecidos	12	3	2	1	0

Fonte: Elaboração própria.

8. Considerações finais e trabalhos futuros

Levando em consideração que o TOC possui nível de intensidade bem menor na em Baía Formosa (por ser relativamente recente) do que o encontrado na praia da Pipa, foi possível perceber que os condutores da praia da Pipa reconhecem melhor a importância da conservação para manutenção da atividade, e que os turistas da Pipa demonstraram melhor percepção quanto aos impactes gerados.

Ficou evidenciada a influência do nível de escolaridade sobre a percepção dos impactes provenientes da atividade turística, reforçando o pressuposto de que preservação e educação necessitam caminhar em conjunto. Isto pode ser explicado pelo facto do turismo em Baía Formosa ser menos ativo do que na praia da Pipa, dessa forma os impactes ainda não são tão perceptíveis.

É fundamental que o destino turístico, adote estratégias de monitoramento e controle das atividades oferecidas aos turistas, com a inclusão e ação da comunidade local principalmente para que se desenvolva e se mantenha sustentável, de forma a manter suas características naturais e culturais. Torna-se imprescindível compreender como são realizadas as operações de turismo de observações de cetáceos

nas áreas onde ocorrem, já que se realizado sem planejamento pode acarretar impactes negativos ao ambiente e à sociedade local (Perinotto, 2007). Ao passo que o turismo apresenta papel importante na conservação natural, pois, em muitas regiões, torna-se a única atividade econômica capaz de relacionar geração de renda e emprego à conservação do meio natural (Ignarra, 2003).

Como trabalho futuro, propõem-se a adoção dos mesmos critérios de pesquisa adotados neste trabalho em relação à atividade TOC desenvolvida na ilha de Fernando de Noronha. Nesse caso, os resultados obtidos serão avaliados em conjunto com os dados recolhidos pelo Projeto de Monitoramento Golfinho Rotador desenvolvido pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Propondo-se ainda, a comparação desses resultados com trabalhos realizados em outros países.

Referências bibliográficas

Brummati, P. N. M. (2008). *Análise das potencialidades do desenvolvimento sustentável do turismo de observação de baleias, whale watching, na costa da Bahia, Brasil*. Tese de Mestrado, Universidade Estadual de Santa Catarina, SC, Brasil.

Dias, R. (2008). *Turismo sustentável e meio ambiente*. São Paulo/SP: Atlas.

Gil, A. C. (2012). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.

Hoyt, E. (2001). Whale watching: Worldwide tourism numbers, expenditures, and expanding socioeconomic benefits. *International Fund for Animal Welfare, Yarmouth Port, MA, USA*, 1–158.

IBAMA/MMA (1994). *Parques Nacionais no Brasil*. Acedido em 08 de fevereiro de 2012, em http://www.ibama.gov.br/revista/apresentacao.html

IDEMA-RN (2008a). *Perfil do seu município Baía Formosa.* Acedido em 12 de janeiro de 2013, em http://www.idema.rn.gov.br.

IDEMA-RN (2008b). *Perfil do seu município Tibau do Sul*. Acedido em 14 de janeiro de 2013, em http://www.idema.rn.gov.br

Ignarra, L. R. (2003). *Fundamentos do turismo*. São Paulo: Pioneira Thonsom Learning.

Lakatos, E. M., & Marconi, M. A. (2007). *Fundamentos de metodologia científica.* São Paulo: Atlas.

Meireles-Filho, J. (2005). Ecoturismo e Amazônia: Biodiversidade, etnodiversidade e diversidade cultural. In L. G. G. Trigo (Ed.), Analises *regionais e globais do turismo brasileiro* (pp. 555-566). São Paulo: Roca.

Mendonça, R. (2005). Educação ambiental e ecoturismo. In Z. Neiman & R. Medonça (Eds.), *Ecoturismo no Brasil* (pp. 154-159). Barueri/SP: Manole.

Pedrini, A. G. et al. (2005). *Ecoturismo e educação ambiental.* Rio de Janeiro: Papel Virtual Editora.

Pedrini, A. G. (2007). A educação ambiental no ecoturismo Brasileiro: Passado e Futuro. In G. Seabra (Ed.), *Turismo, identidade cultural e desenvolvimento local* (s.p). João Pessoa: UFPB.

Perinotto, A. R. C. (2007). Turismo em municípios de pequeno porte, diretrizes e propostas: Estudo de caso no município de Analândia-SP. *Revista Global Tourism, 3*, s.p.

Pires, P. S. (2005). Entendendo o Ecoturismo. In L. G. G. Trigo (Ed.), *Análises regionais e globais do turismo* (pp. 483-494). São Paulo: Roca.

PRIBERAM (2014). *Significado/definição de escuna*. Acedido em 31 de março de 2014, em http://www.priberam.pt/dlpo/escuna

Queiroz. R. E. M. (2006). *Estudos sobre orçamento de atividades do boto-cinza (sotalia guianensis) no Litoral Sul do Rio Grande do Norte*. Tese de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN/Brasil.

Ruschmann, D. V. M. (1997). *Turismo e planejamento sustentável: A proteção do meio ambiente.* Campinas/SP: Papirus.

Santos-jr, E. et al., (2006). Comportamento do boto cinza, Sotalia guianensis (Van Bénédén) (Cetacea, Delphinidae) na presença de barcos de turismo na Praia da Pipa, Rio Grande do Norte/Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia, 23*, 661-666.

Salvati, S. S. (2005). A certificação e as dimensões da sustentabilidade e da qualidade dos produtos e serviços em ecoturismo. In Z. Neiman & R. Medonça (Eds.), *Ecoturismo no Brasil* (pp. 62-104). Barueri, SP: Manole.

Simões, D. G., Macedo, R. H. F., & Engel, M. H. (2005). Turismo de observação de cetáceos como ferramenta no estudo do comportamento de baleias jubarte (Megaptera novaeangliae). *Revista de Etologia, 1*, 3-14.

Swarbrooke, J. (2000). *Turismo sustentável: Conceitos e impactes.* São Paulo: Aleph.

Tischer, M. C. (2011). *Ocupação de* área *e interações de golfinhos-rotadores (stenella longirostris) com o turismo náutico no arquipélago Fernando de Noronha/PE, Brasil.* Tese de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, Brasil.

Vieira, J. M. (2004). O novo turismo. *Cadernos de Economia*, 136-140. Acedido em 08 de fevereiro de 2013, em http://pt.scribd.com/doc/49765760/o-novo-turista